

# CARTOGRAFIAS DE UM PROFESSOR DE GEOGRAFIA DO CAMPO: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRÁXIS A PARTIR DOS RECURSOS DIDÁTICOS\*

Severino Tiago da Silva <sup>1</sup>  
Fabiano Custódio de Oliveira (Orientador) <sup>2</sup>

## RESUMO

Trata-se de uma reflexão sobre a minha práxis nas comunidades tradicionais por onde passei nos últimos dez anos, práticas essas mediadas majoritariamente por parcos e simples, mas eficientes recursos didáticos dos quais farei, neste trabalho, uma avaliação, destacando o potencial por trás de coisas simples como o quadro, o giz, o caderno, a contextualização, a contação de histórias, o debate e a música, meios pelos quais tenho mediado o processo de ensino-aprendizagem em comunidades ribeirinhas e litorâneas daqui da Paraíba e de Pernambuco. Assento o presente artigo nas (re)leituras das obras do professor Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1987) e *Pedagogia da Autonomia* (1996), essenciais ao entendimento filosófico e pedagógico em que se baseia a minha docência e as práticas que aqui procurarei dissertar. No que diz respeito ao referencial que move a geografia escolar que desenvolvo e que por ora pesquiso, a professora Lana de Souza Cavalcanti (2006; 2013), assim como os trabalhos de Rosa (2006) e de Antunes (2010) são essenciais para entender esse mister. Além da metodologia que norteia o presente texto, que é, sobretudo um relato de experiência ancorado nas contribuições de Colombo (2015) e Mussi *et al* (2021). A esse respeito, posso afirmar que, para o ensino de geografia nas escolas das comunidades tradicionais, os meios mais simples são quase sempre uma realidade, mas que mobiliza o professor-pesquisador para uma resistência ativa com adequação de quadros e produção coletiva e autônoma de recursos didáticos que potencializam os processos de construção de conceitos geográficos, para tanto, discutimos o papel e a importância dos recursos e das estratégias didáticas por meio das considerações de Vasconcelos (2005), Passini *et al* (2010), Pereira (2012) além de Portugal e Souza (2013).

**Palavras-chave:** Comunidades tradicionais, Ensino de geografia, Recursos didáticos.

## INTRODUÇÃO

Lido com o ensino de geografia em comunidades tradicionais desde 2011, quando tomei posse de um concurso da secretaria de educação do município de Limoeiro-PE, onde fui lotado numa comunidade de beira de estrada, a Vila Mendes às margens da PE-90. Foi minha primeira experiência com a educação do campo, mesmo sem saber o que era essa modalidade e como

---

<sup>1</sup> Aluno do Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em Rede - PROFGEO. Especialista em Fundamentos da educação e práticas pedagógicas interdisciplinares - UEPB. Licenciando em Geografia – UPE. Professor de Geografia – Redes públicas municipal e estadual em João Pessoa – PB. severino.tiago@estudante.ufcg.edu.br

<sup>2</sup> Professor Doutor do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação no Campo – CDSA/UFCA. Coordenador do Laboratório de Ensino de Geografia de Educação no Campo – LECAMPO. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia – PROFSOCIO/UFCA/CDSA e Mestrado em Ensino de Geografia - PROFGEO/UFCA. fabiano.geografia@gmail.com – [fabiano.custodio@professor.ufcg.edu.br](mailto:fabiano.custodio@professor.ufcg.edu.br)

\* Artigo resultado de atividade de pesquisa da componente de Organização e Produção de Jogos do Programa de Mestrado em Rede em Ensino de Geografia - PROFGEO/UFCA/2023, com Bolsa Capes.

manejar uma geografia escolar que dialogasse com os sujeitos com os quais tenho lidado na minha docência.

Nessa experiência, sempre tive a sensibilidade de que tanto o professor Paulo Freire (1996) fala, de que para ensinar é preciso escutar, dialogar, conversar, e sempre cuidei para que minha prática significasse na vida dos meninos e meninas que chegam até a minha docência. Essas questões não são inatas, mas desenvolvi cedo, desde a licenciatura e as leituras de Freire que sempre me moveram a ensinar para os filhos e filhas dos trabalhadores, como eu, uma geografia que fosse interessante, que se conectasse com os nossos desejos de emancipação e que servisse para alguma coisa nobre, sobretudo, para o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos educandos e educadores, como nos propõe o mesmo Freire (1996).

Nesse trabalho procuro fazer uma reflexão sobre a minha práxis, lançar um olhar filosófico-pedagógico sobre a minha docência nas comunidades tradicionais. Busco construir uma reflexão, sobretudo, acerca do que deu certo, do ponto de vista didático-pedagógico, nas minhas práticas escolares, no ensino de geografia nessas comunidades. Nele faço uma análise dos meios que utilizei para mediar minhas práticas nas escolas por onde passei. Nesse quesito, trato da realidade com a qual nos deparamos como professores da escola pública brasileira com estruturas sucateadas, onde tudo falta e com uma política totalmente desconectada da realidade dos nossos estudantes. É oportunidade em que trato da beleza e da grandeza que reside nas nossas práticas, nos nossos recursos, nos meios que arranjam para ministrar a melhor aula para que o nosso estudante possa construir conceitos geográficos essenciais a sua atuação no mundo, à sua cidadania.

Então, entra aqui a apreciação sobre o papel e a importância dos recursos didáticos que temos a nossa disposição para além da parafernália tecnológica que, infelizmente, ainda não é a nossa realidade da escola pública, quiçá do campo. Somos impulsionados pela nossa consciência docente a construir alternativas que possibilitem a formação apropriada de conceitos, sem que a nossa opção seja por modelos do tipo bancário, em que o conhecimento não é produzido em conjunto, mas apenas transferido dos livros para as mentes pretensamente vazias dos nossos educandos.

Relato o uso de uma pedagogia do debate, do diálogo, da escuta, uma pedagogia da participação, do envolvimento e do ativismo do educando. Escrevo sobre metodologias simples, sem muitos apetrechos, mas com o devido capricho bastante eficientes, a exemplo da contação de histórias de personagens reais ou construídas com base na realidade, que são narrativas minhas e/ou de meus educandos/as, contadas oralmente e/ou por escrito, que instigam e levam

os sujeitos desse processo a reflexão, a compreensão de determinada temática, numa dinâmica que batizei de parábola, que devo detalhar mais adiante.

Outro recurso que sempre recorro nas minhas aulas de geografia é a música ou musicoterapia. Abordarei a riqueza desse método a partir de uma perspectiva do aluno/a em constante estado de escuta por parte do professor, isto é, de um/a aluno/a que participem ativamente do processo de planejamento, construção e operação do meio. Digo isso porque se a gente não pergunta ao garoto/a que música ele quer ouvir na aula, há enorme chance do recurso se perder em si mesmo, trazendo incômodo aos sentidos ao invés de atenção e de inquietação geográfica.

Por fim, trago à tona uma ponderação sobre a pedagogia do quadro e do giz, sobre o que Portugal e Souza (in Cavalcanti, 2013) descrevem a potência que está por detrás de uma lousa e um pincel nas mãos de um/a professor/a curioso/a, esse que é um dos recursos mais imediatos de que dispomos. Nesse contexto, descrevo o quadro da sala de aula como um grande livro aberto em que a gente, professores/as das mais diversas matérias e os mais diferentes alunos/as podemos escrever, apagar e escrever novamente até que esgotemos as possibilidades de escrituração coletiva de novos conceitos e sempre aberto para os próximos que vierem.

## **2 - METODOLOGIA**

O presente trabalho consiste num relato de experiência em que me debruço sobre a minha própria prática docente nas escolas das comunidades tradicionais por onde passei a primeira década da minha carreira profissional (2011-2022). O registro da data num relato de experiência, segundo Mussi *et al* (2021), é importante ser indicada, “*pois trata-se de um período temporal, que pode indicar se o contexto do que fora realizado ainda se enquadra como atualidade e pertinente de ser incluso como discussão em outros trabalhos*” (p.67).

Trata-se, desse modo, de uma reflexão ancorada numa revisão da literatura que marca minha práxis e as leituras que venho fazendo por ocasião da minha estadia no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia em rede nacional, o PROFGEO/UFCG-PB.

Quero destacar que o relato de experiência é um rico instrumento que o professor pesquisador tem a sua disposição, do/a professor/a que reflete sobre a sua práxis e que faz nele um exercício subjetivo sem que se perca a objetividade científica e o rigor metodológico, como destaca Colombo (2015).

O campo objeto dessa reflexão são as escolas tradicionais pelas quais passei, mas precisamente as experiências escolares nas comunidades de marisqueiras de Tejucupapo e no

quilombo de Povoação de São Lourenço, município de Goiana-PE, ambas inseridas na Resex Acaú-Goiana. Cabe ainda a destacar que volto meu olhar, sobretudo, para como se deu minhas práticas e os recursos que mobilizei para desenvolver saberes e conceitos geográficos, sobretudo, na educação de jovens e adultos.

O público alvo de minhas memórias epistemológicas são esses alunos/as da EJA campo, sobretudo, mulheres, negras, mães, muitas solteiras, e, em geral, marisqueiras ou de alguma forma ligada a essa atividade, como algumas que trabalham na associação das marisqueiras, ou outras que mudaram de atividade, saíram do mangue e viraram operárias, ou colaboradoras, da Jeep, empresa automobilística instalada num enorme platô cercado de todos os lados por recursos hídricos e outros naturais, cujo quintal da montadora são essas comunidades.

### **3 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **Por um ensino de geografia democrático, plural e emancipador**

A realidade ditada pelo império da técnica, caracterizada pela profusão de informações, numa territorialidade que cada vez mais se afirma e se expande em redes, constituindo uma sociedade de consumo, com hábitos e costumes cada vez mais parecidos, homogeneizados culturalmente pelo menos no mundo ocidental, tudo isso tem afetado a percepção espacial dessa nova geografia, que também é marcada pela instantaneidade dos momentos e pelo papel relevante que a cidade adquire na organização da vida social no contexto da propalada globalização, o que exige de nós uma cidadania diferente da que estávamos acostumados, e da geografia escolar uma postura aberta à leitura desse mundo em profunda crise engendrada pela globalização perversa que ora é operada.

Sobre isso, Cavalcanti (2006) recorre a uma didática da geografia, num sentido de uma assimilação científica das práticas da geografia escolar. Evidentemente, os aspectos sociais, subjetivos e dinâmicos do ensino se sobrepõem a qualquer método ou procedimento orientado pelas ciências, no caso aqui a Didática, o que não significa desprestigiar essa dimensão do ensino, mas ao contrário, reconhecer e se apropriar desses conhecimentos para instrumentalizar uma prática autônoma e comprometida com a transformação social.

Nesse contexto, Cavalcanti (2006) lança que o primeiro a se fazer sobre que geografia ensinar aos nossos educandos/as, é que se ensine aquilo que faz sentido e faz parte da realidade destes e destas, não com ênfase sobre os conteúdos, mas que ensine também o que ela chamou de modos de pensamento e ação, isto é, é necessário que ensinemos aos nossos alunos, numa aproximação socioconstrutivista, a pensar e agir nesse mundo globalizado e nessa cidade

esquizofrênica que vivenciamos com toda sua complexidade, para que este possa não apenas compreender esse mundo, mas que também possa intervir nessa realidade.

Sabendo que, numa prática centrada no estudante, os seus saberes são importantes, deve, então, existir uma geografização desses saberes que os alunos trazem de suas práticas socioespaciais cotidianas. É o que já indicava a professora Rosa (2006), inclusive, apontando para a necessidade de a própria universidade abrir suas portas para os saberes da geografia escolar, saberes e fazeres feitos pelos professores em suas práticas escolares. É a mesma referência que fazia o professor Paulo Freire (1996), ao indicar que uma das tarefas do/a professora que pretende desenvolver uma prática libertadora é que esse leve os estudantes a superar a ingenuidade por meio da criticidade, o que só é possível a partir do exercício de uma pedagogia e de uma práxis em favor da autonomia de todos os sujeitos. Não que seja a ciência um saber maior ou menor, mas que esse processo de cientificização é importante dada a complexidade dos tempos e dos espaços atuais, para o que é essencial a construção de um pensamento conceitual, sendo os conceitos da geografia de fundamental importância.

Nesse sentido, Cavalcanti (2006) propõe uma orientação metodológica baseada na (re)construção de conceitos geográficos, desde os mais gerais até os mais específicos com os quais operam os sujeitos de nossas práticas docentes nos seus mais diferentes endereços.

### **O papel e a potência das estratégias e dos recursos didáticos nas aulas de geografia**

Não é só conteúdo, é também a forma, a metodologia. Também não é só motivação para aprender, é tudo isso mais um pouco de meios, de recursos didáticos que são capazes de mediar eficientemente o processo de aprendizagem, é o que nos propõe Passini *et al* (2010). Os mesmos autores também alertam para que não se fetiches o recurso, especialmente o tecnológico, pois não há essa relação de dependência absoluta da aula para com os aparatos especiais, e que é possível sim uma aula produtiva e eficiente mediada por recursos simples e muitos tradicionais, como o giz e o quadro. Não é repetição nem reprodução, mas invenção, invenção de novidade nova, numa metodologia desafiadora e fomentadora da curiosidade epistemológica, formadora de um estudante pesquisador/a, o que só é possível, nos dizeres daqueles autores, por meio de aulas que superem a reprodução e se façam na construção coletiva dos saberes e fazeres pelos sujeitos/as de nossas práticas docentes.

Segundo a professora Iolane Vasconcelos (2005), uma das causas da deficiência da prática educativa reside justamente na metodologia, constata que há uma dificuldade de alinhar conteúdo e metodologia no processo de ensino-aprendizagem. Há ainda um alheamento por parte dos educadores sobre o ato político de sua prática, a posição que assume politicamente ao

ensinar, o que tem demonstrado os estudos desde antes de 1986, que a prática dos professores é sempre condicionada por uma ou outra tendência, seja mais tradicional seja mais progressista.

Vista assim, metodologia não é apenas um conjunto de métodos e técnicas ou estratégias de aprendizagem, neutras em si mesmas, sem nenhuma conexão com o tempo e com os seus movimentos, apesar de essa ser a visão mais comum da prática escolar país a dentro. Ao contrário, metodologia deve ser entendida como uma instrumento teórico-prático que permita o conhecimento mais real possível e a prática mais segura e clara. Deve-se conhecer a realidade que rodeia a prática escolar, o contexto das práticas sociais em que nossos alunos estão incluídos, escutar os ventos que batem nos muros da escola e teimam em entrar pelas frestas de janelas que restam nessas escolas gaiolas, como diria o velho Rubem Alves, com a arquitetura dura construídas pelas velhas engenharias da educação que não deu certo.

### **O giz, o quadro e o compromisso de ensinar**

O primeiro recurso que me chama atenção e que faz parte da minha prática e da prática de todos nós professores é o recurso do quadro e do giz. O mais tradicional, o mais próximo, o mais imediato, aquele recurso a que recorremos sempre que nos falta tudo, sobretudo na realidade de nossas escolas públicas em que faltam até quadros e lápis, a coisa mais comum que faço hoje na minha prática é mendigar lápis de quadro branco na supervisão das minhas escolas, ressaltando que, em muitos casos são materiais comprados pela cota, pela passagem do chapéu na sala dos professores ou até mesmo sai do bolso do próprio diretor, da supervisora e sobretudo do professor, se este quiser um lápis que pelo menos risque o quadro, sabendo que os lápis são supercaros e de péssima qualidade. Mesmo assim, é nosso recurso *feijão-com-arroz*, o mais imediato e mais valente dos meios didáticos de que dispomos.

Passini *et al* (2010) afirmam que o quadro é um recurso rico, desde que bem usado, desde que mediado por uma boa técnica. Ali você pode rabiscar o assunto dado, colocar as ideias soltas que surgem dos estudantes para depois formar conceitos de forma coletiva. Na lousa cabe o mapa conceitual, o croqui de uma localização de qualquer tema que se discute e que nos falta um mapa para analisar com mais técnica, ali, um professor, uma professora com sua veia artística que nem precisa ser de excelência, mas que já ajuda e tanto na exposição, na explanação entre outras situações didáticas.

Reclamam Passini *et al* (2010), que não é concebível que se copie textos longos no quadro branco. Veja, essa expressão é muito forte. Eu mesmo e meus alunos estamos sem livro desde 2016, ano do golpe institucional que levou a mudança de governo e, conseqüentemente, de prioridades, ou seja, o quadro é o recurso mais libertário a que o professor pode recorrer.

Primeiro, ele é um quadro em branco, um território não apenas de um sujeito, mais de vários, não somente do professor, mas também do aluno, isto é, o quadro representa esse espaço de liberdade e de diálogo, por onde circulam várias ideias, onde se escreve e se desenha, por onde passam vários professores das mais diversas matérias. Então, o quadro, é um meio de expressão muito forte, claro que ele pode ser usado apenas para repetição, até mesmo para incutir conhecimentos já produzidos, ideias, muitas até questionáveis, mas esse espaço como ele é apagável ele se regula. Sai um professor ditador, aquele que dita o conteúdo no quadro, e entra um professor editor de quadro, aquele que usa o quadro para construir conceitos de forma desafiadora e não somente reproduzi-los.

Passini *et al* (2010) falam das novas tecnologias incorporadas ao quadro, como as lousas digitais, claro que são melhorias que ajudariam muito se tivéssemos à disposição na nossa realidade, o que, definitivamente não o é, já que vivenciamos uma escola que carece de muitas coisas básicas, sobretudo, depois de seis anos de sucateamento dos serviços públicos em que faltam recursos para a educação e sobram necessidades e desafios que só enfrentamos com muita disposição, compromisso, responsabilidade, inventividade e criatividade.

### **O lugar da música dos sujeitos no ensino de geografia**

Outra estratégia que muito me toca é a música, que é um recurso extraordinário quando bem usado. É o que revelam as professoras Portugal e Souza (2013) ao proporem diferentes linguagens e metodologias para o ensino de geografia no contexto da educação do campo, que em primeiro lugar, ressalta a importância de se selecionar bem os conteúdos a serem trabalhados com os sujeitos do campo, o que deve ser feito coletivamente levando em conta os saberes e fazeres desses povos do mundo rural e a opinião dos mesmos sobre o que deve e como deve ser trabalhado. Trata-se aqui de uma prática de ensino ancorada o tempo todo na dialogicidade freiriana, em que o processo de ensino-aprendizagem é centrado na escuta e no acolhimento dos mais diversos saberes produzidos por esses, onde a escola e o ensino de geografia devem ser os espaços de enriquecimento desses conhecimentos, de refazimentos dos mesmos, um processo de superação da ingenuidade crítica o que não seria tão somente uma cientificização daquele saber, numa ideia de superioridade do saber científico, mas um processo de reflexão e de interação entre os diferentes conhecimentos que se entrecruzam na escola.

Nesse sentido, a música surge como uma estratégia muito boa para mediar a aprendizagem. Ela pode fazer parte de diversos momentos didáticos, desde a acolhida, a apresentação de um tema, a introdução de um assunto ou mesmo o estudo de um assunto por meio da letra da música, até mesmo para relaxar, como instrumento ou recurso didático-

terapêutico, pois bem sabemos dessa importante função que a música também e tão bem desempenha. Sendo, conforme apontam Portugal e Souza (2013), um recurso muito eficiente para uma aprendizagem significativa, que envolve basicamente todos os nossos sentidos, que desperta sentimentos, que aflora emoções, que sensibiliza e toca para além das ouças, entrando pelo ouvido e penetrando neurônios, ativando sinapses, produzindo novidades.

#### **4- RESULTADOS E DISCUSSÃO**

##### **As rodas de conversas na EJA e a pedagogia das parábolas**

Uma das estratégias que mais recorro na minha prática docente é da parábola, o que chamo de pedagogia da parábola, em que conto histórias aos meus alunos/as e em que eles também contam histórias. São narrativas inventadas ou não sobre os aspectos mais subjetivos da vida. É um despertar de sentidos, de memórias afetivas, de lembranças de detalhes que muitas das vezes andam somente nos corações e mentes da gente e de nossos educandos/as, pois muitos deles não tem o devido palco para contarem suas histórias, o que é a realidade das turmas da EJA da escola municipal de Goiana-PE, onde trabalho desde 2012. Lá tenho tabalhado diurnamente com os filhos de muitas mulheres marisqueiras, que a noitem vão para a EJA onde também sou professor. Dada a capacidade desses educandos, as experiências vivida na coletividade de suas práticas diárias como marisqueiras e como agentes da comunidade, a didática da parábola é mais profícua na EJA, com essas mulheres estudantes.

As histórias podem ser narradas oralmente, gravadas ou escritas. Podem ser também ocasionais, que ocorram no decorrer de uma explicação, de um debate. São narrativas que dialogam com a realidade vivida, com os espaços conhecidos ou que se apropriam da sabedoria popular, do universo de histórias contadas pela tradição de diversas gerações. Esse método é muito rico, porque chama atenção, garante lugar de fala, dá palco para os nossos sujeitos. Em geral são histórias de onde tiramos exemplos de nossos conceitos, ou mesmo que entregam informações relevantes para a formação de conceitos.

A partir disso, o/a professor/a que reflete sobre as suas práticas passa a conhecer melhor a realidade de seus alunos/as, seus anseios, seus dilemas e os desafios que enfrentam na comunidade. A partir dessas contações é possível também extrair saberes tradicionais, receitas medicamentosas com as ervas da flora local, conhecimentos ancestrais sobre a história e a geografia da comunidade, outras leituras do tempo, do clima e do calendário, até por que, como Freire (1996) já nos chamava atenção de que não existe docência sem discência e que não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

### **O lugar da música na minha prática**

Na minha experiência docente, logo no início da minha jornada como professor de geografia, eu trazia comigo esse preconceito de certa forma e não identificava, até passar a ler e refletir sobre a minha práxis. Na verdade, sempre que trabalhei com músicas em que eu não estava preocupado com a experiência dos meus educandos, esses mostravam-se um tanto desinteressados, como se não estivessem gostando muito do que estavam ouvindo. Passei então a questionar o porquê dessa desmotivação, e verifiquei que eu estava desconectado com eles, que acreditei muito no meu método, que não teria sido concebido em conjunto com meus alunos/as, sendo recepcionado quando muito com um respeito pelo que apresentava, o que, por minha vez, não sabia retribuir respeitando os fazeres e vivências desses meus educandos.

Quando passei a recepcionar as músicas que eles me traziam, senti imediatamente um efeito avassalador no momento didático, como se o protagonismo da música do meu aluno naquele palco que era a aula de geografia ativasse nele mais atenção, mais foco, e melhor disposição para escutar, falar também e aprender, para pesquisar, para formar conceitos.

Isso acontecendo, como lembram Portugal e Souza (2013), passa-se a constituir importante oportunidade para valorizar as identidades locais, a cultura de nossos povos e não deixar perecer toda a nossa riqueza cultural que nos caracteriza como um território de intensa multiculturalidade, evidente, sem sermos ingênuos em não reconhecer as imensas dificuldades de convivência que temos entre nós, com os preconceitos e as discriminações enraizados na formação de nossa nação.

### **O quadro da sala é uma janela aberta e o giz, uma chave**

Inicialmente, convém jamais esquecer da situação em que se encontram nossas escolas públicas, ainda mais do campo brasileiro, que coloca o/a professor/a diante da falta dos recursos mais básicos e frente a um dilema de difícil solução que é como ensinar geografia sem um mapa minimamente decente e atualizado, ou como mediar o processo de aprendizagem sem ferramentas suficientes da ensinagem? Como dar uma aula de campo, ofertar um estudo de meio sem que cause medo, incomodo e custos tidos como desnecessários a gestores de todos os níveis da administração. Essas e outras questões nos põe numa saia justa, num beco sem saída, numa sinuca de bico, em que a gente fica muitas vezes sem saber o que fazer, sem saber o que dizer para aquele/a nosso/a aluno/a que reclama da aula chata, do tempo que não passa, da hora do recreio que não chega e que de modo algum chama atenção desses sujeitos.

Porém, o quadro é uma janela de oportunidades didáticas que a gente deve saber aproveitar bem e da melhor forma possível. A lousa e o pincel têm essa tônica na minha prática docente. Lá não só escrevo os conceitos, lá rabisco um croqui para dar qualquer aula que necessite de uma localização para que o entendimento dos conceitos correlatos possam ser esclarecidos. Nele eu desenho desde perfis de relevo, camadas do solo até as aulas de astronomia que nós temos que aprender para compreender essa dimensão dessa espacialidade que também nos toca. Contudo, não é apenas o eu que aparece no quadro. Aparece no quadro o meu aluno e a minha aluna que são chamados ao quadro, não para reproduzir os conceitos do livro didático ou da academia. Naquele espaço cabe mais. Cabe os saberes deles, as opiniões deles, os desenhos deles, o ponto de vista deles sobre qualquer tema que nós juntos tenhamos planejados também em conjunto.

Portanto, a pedagogia do quadro e do giz, para além de sua pretensa vocação bancária, para além de sua centralidade na aula, essa didática consiste em superar de alguma forma e com alguma criatividade aqueles dilemas que levantamos quanto as condições estruturais de nossas escolas. Os/as alunos/as, quando são chamados para o quadro eles tem duas reações iniciais, um certo constrangimento misturado com um pouco de orgulho, eles/as se sentem importantes diante da turma, é mais um palco para ele se apresentar. Todo mundo sabe de alguma coisa. Todo mundo tem uma opinião pra dar, quase todo mundo gosta de falar sobre o que sabe. Então, constitui-se um meio oportuno para trazer a atenção do/a aluno/a, para envolvê-lo no assunto e verdadeiramente ouvi-lo e realmente construir conceitos, produzir novos saberes, lembrando sempre do que já dizia Freire (1987) de que a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir "conhecimentos" e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação "bancária", mas um ato cognoscente, que quer dizer que nosso aluno/a também tem e produz conhecimento.

O diálogo, portanto, é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando numa relação vazia de coletividade, de sentimento de que estamos construindo em grupo. Dessa maneira, sempre convido meus alunos para o quadro, não como castigo, mas como possibilidade de imersão dele na aula. Peço para eles anotarem respostas diferentes daquelas que estou acostumado a dar o visto no caderno deles. Uma outra resposta, as vezes até oposta, mas coesa e bem convincente. Não apenas isso. Eles anotam no quadro seus mapas, as vezes o quadro serve de expositor dos seus trabalhos, outras ocasiões quem desenha o mapa no quadro, ou o croqui que tenho no plano, quem vai lá no quadro é meu aluno com dotes de artista, que tem melhor performance, mas que isso não quer dizer que só vai para o quadro escrever quem sabe ler tudo, pelo contrário, o quadro também tem lugar para

aquele aluno que não sabe desenhar, mas que sabe poetizar e lá ele escreve versos e mais versos, muitos autorais. Ainda tem espaço para minha aluna da EJA que quer me mostrar como ocorrem as cheias, como ela observa o tempo e como planeja a pesca do marisco e a sua labuta diária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso tudo, aprendemos que a educação deve estar a serviço de um projeto de desenvolvimento economicamente viável, socialmente justo e ambientalmente equilibrado, o que não significa estar a serviço de um sonho irrealizável ou de uma ideologia, mas interessado mesmo na utopia, entendida como aquele desejo possível, sendo necessário movimentar esse discurso para que ele saia do abstrato e começa a operar efetivamente, pois, como dissemos, não é nada que não esteja ao nosso alcance, senão aquilo que aponta para o bom senso. Isso não quer dizer que devemos conservar uma visão altruísta da educação, acreditando que escola seja redentora de todas as mazelas políticas e socioeconômicas que nos sobrevém desse modelo de desenvolvimento que experienciamos hoje. (Rosa, 2006).

Rosa (2006) aponta que hoje predomina uma tendência de formação dos professores orientada pelo paradigma da racionalidade técnica e que, por isso, as licenciaturas têm desvalorizado a dimensão do professor pesquisador, do professor produtor de saberes, inclusive a partir de sua prática, o que, ao meu ver, o *ProfGeo* se apresenta no sentido contrário, apesar de ainda pequeno para o grande número de professores de geografia do Brasil, esse programa tem buscado abrir as portas da universidade para os saberes escolares e para os fazedores desses saberes, para que estes possam científicizar esses saberes, transformar suas práticas, seus fazeres escolares em objeto de reflexão sistemática, de investigação filosófica e científica e publicizar suas contribuições para que outros professores/as possam se inspirar em suas vivências pedagógicas.

Desse modo, o conteúdo a ser ensinado pelo professor de geografia deve considerar também a geografia do cotidiano, do aluno, do seu lugar, além de fazer o encontro desses saberes, da geografia do cotidiano do aluno com a geografia científica, promovendo um enriquecimento de ambos, uma reelaboração de conceitos, contribuindo para o desenvolvimento de um modo de pensar geográfico mais amplo, mais diverso, mais plural, o que não pode jamais ser visto como algo permissivo, sem o mínimo rigor, pois já dizia o professor Paulo Freire (1996) que ensinar exige rigorosidade e, inclusive, rigorosidade metódica, no fazer científico.

Falo em cartografias no título do presente trabalho, porque a minha jornada docente, de pouco mais de uma década, pode ser rabiscada como num perfil cartográfico, com a licença das artes, que também cabe na cartografia, falo de uma trajetória que não é linear, nem do ponto de vista do trajeto desse percurso num mapa, nem do ponto de vista das outras cartografias que se revelem importantes no meu magistério, como as mudanças de caminhos que tive que fazer para adaptar a teoria à prática, para colocar em prática um ensino que fosse viável e ao mesmo tempo atrativo e proveitoso para meu educando/a.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **Geografia e Didática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p. 32-39.
- CAVALCANTI, L. de S. **Geografia escola e construção de conhecimentos**. Campinas-SP, Papirus, 18ªed., 2013. p. 15-28.
- \_\_\_\_\_. **Bases Teórico-Methodológicas da Geografia: Uma referência para a formação e a prática de Ensino**. In: ROSA, Dalva E.G *et al.* (Org). **Formação de Professores: concepções e práticas em geografia**. Goiânia: ED. Vieira, 2006, p.27-49.
- COLOMBO, Silmara Regina. **Professor-pesquisador: estreitamento dos limites entre teoria e prática**. Macapá, v. 5, n. 1, 1º semestre, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- PASSINI, Elza Yasuko; PASSINI, Romão; MALYSZ, Sandra T (Orgs). **Prática de ensino de geografia e Estágio Supervisionado**. 2 ed. São Paulo: contexto, 2010. Págs. 101 -116.
- PEREIRA, R. da S. **A reflexão e a prática no ensino**. São Paulo-SP, Blucher, 2012. p. 21-38.
- PORTUGUAL, Jussara Fraga; SOUZA, Elizeu C. **Ensino de Geografia e o mundo rural: diversas linguagens e proposições metodológicas**. In\_\_ : CAVALCANTI, Lana de Souza (Org). **Temas da Geografia na Escola Básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013. Págs. 95 – 133.
- ROSA, Dalva E. G. **Formação de Professores: concepções e práticas**. In: ROSA, Dalva E.G *et al.* (Org). **Formação de Professores: concepções e práticas em geografia**. Goiânia: ED. Vieira, 2006, p.15-25.
- VASCONCELOS, I. **A Metodologia enquanto Ato Político da Prática Educativa**. In: Vera Maria Candau. (Org.). Rumo a uma Nova Didática. 01ed.Petropolis -RJ: Vozes, 1988-2005, v. 01, p. 97-104.